

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LUANA RODRIGUES SOARES DA SILVEIRA

CAPOEIRA COMO PRÁTICA EDUCATIVA: VIVENCIANDO OS VALORES AFRO-
BRASILEIROS E A FILOSOFIA UBUNTU NA COMUNIDADE DA PENHA, JOÃO
PESSOA - PB

JOÃO PESSOA

2026

LUANA RODRIGUES SOARES DA SILVEIRA

CAPOEIRA COMO PRÁTICA EDUCATIVA: VIVENCIANDO OS VALORES AFRO-
BRASILEIROS E A FILOSOFIA UBUNTU NA COMUNIDADE DA PENHA, JOÃO
PESSOA - PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba (UFPB), como requisito parcial para
obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Aurora Camboim Lopes
de Andrade Lula.

JOÃO PESSOA

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S587c Silveira, Luana Rodrigues Soares da.

Capoeira como prática educativa: vivenciando os valores afro-brasileiros e a filosofia Ubuntu na comunidade da Penha, João Pessoa - PB / Luana Rodrigues Soares da Silveira. - João Pessoa, 2026.
46 f.

Orientação: Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Capoeira. 2. Educação popular. 3. Ubuntu. I. Lula, Aurora Camboim Lopes de Andrade. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37.018.8(043.2)

LUANA RODRIGUES SOARES DA SILVEIRA

CAPOEIRA COMO PRÁTICA EDUCATIVA: VIVENCIANDO OS VALORES AFRO-BRASILEIROS E A FILOSOFIA UBUNTU NA COMUNIDADE DA PENHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/2026.

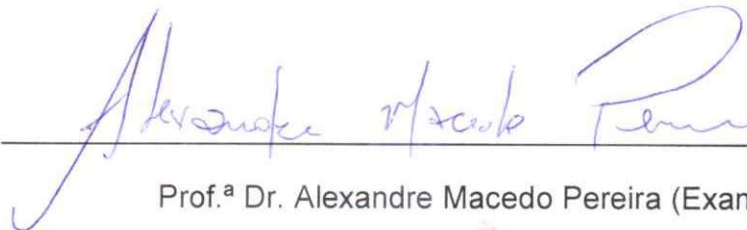
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula (Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Alba Cleide Calado Wanderley (Examinadora 1)



Prof.^a Dr. Alexandre Macedo Pereira (Examinador 2)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, aos meus amigos e a todos que torceram por mim ao longo desta jornada. Aos colegas de turma, com quem compartilhei aprendizados que certamente contribuirão para a profissional que estou me tornando. Aos professores e professoras do curso, que, com dedicação e compromisso, tornaram esse sonho possível e seguem como inspiração para a minha práxis pedagógica. Ao grupo Lições de Capoeira, que me proporcionou um profundo senso de pertencimento acadêmico e vivências que materializam, na prática, os princípios do Ubuntu. À comunidade da Penha, que me acolheu com respeito e receptividade, e, em especial, às crianças participantes do projeto, que são a parte mais encantadora deste trabalho e grandes responsáveis pelos aprendizados construídos ao longo dessa trajetória. À professora Aurora e ao instrutor Blanka (Jeferson Passos), pela paciência, acolhimento e pelos ensinamentos que contribuíram de forma significativa para minha formação acadêmica e transformação pessoal. Aos meus ancestrais e a todos aqueles que, diariamente, lutam e resistem por um mundo mais justo e humano.

Iê!

*“Na praia da Penha eu vou vadear
Vadeia menino e menina
ao som da maré a luz do luar...”
(Aurora Camboim)*

RESUMO

A capoeira, enquanto expressão cultural afro-brasileira e Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, configura-se como uma prática pedagógica educativa rica em possibilidades para a valorização e o resgate de saberes ancestrais. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo relatar e analisar a experiência extensionista desenvolvida na comunidade da Praia da Penha, em João Pessoa – PB, por meio dos projetos de extensão “Fortalecimento da Cultura Popular em Comunidades Periféricas: Capoeira, Ubuntu e Valores Afro-brasileiros” (2023/2024) e “A Cultura Afro-brasileira na Comunidade da Praia da Penha: o Brincar e a Natureza” (2024/2025), vinculados à Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa parte da compreensão da capoeira como uma prática cultural afro-brasileira que articula educação, cultura e resistência, possibilitando a valorização de saberes populares e o fortalecimento de identidades coletivas. Fundamenta-se nos princípios da Educação Popular, especialmente nas contribuições de Paulo Freire, bem como na filosofia africana Ubuntu e nos valores civilizatórios afro-brasileiros. Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, baseado na observação participante e no registro das vivências realizadas com crianças e adolescentes da comunidade. As atividades desenvolvidas envolveram aulas de capoeira, contação de histórias, brincadeiras tradicionais, oficinas culturais e ações educativas voltadas para a valorização da cultura afro-brasileira, da coletividade e do cuidado com o meio ambiente. Os resultados evidenciam que a capoeira, enquanto prática pedagógica e cultural, contribui para o fortalecimento da autoestima, da identidade cultural, da socialização e do senso de pertencimento das crianças, além de promover valores como cooperação, respeito e solidariedade, alinhados aos princípios da filosofia Ubuntu. Conclui-se que experiências extensionistas mediadas pela cultura popular constituem importantes estratégias para a promoção da educação antirracista e para a valorização dos saberes afro-brasileiros, evidenciando, ainda, o papel fundamental da universidade pública brasileira na construção de práticas educativas socialmente comprometidas e no fortalecimento do diálogo entre saberes acadêmicos e comunitários.

Palavras-chave: Capoeira; Educação Popular; Ubuntu; Cultura Afro-brasileira; Extensão Universitária.

ABSTRACT

Capoeira, as an Afro-Brazilian cultural expression and Intangible Cultural Heritage of Humanity, is a rich educational practice offering possibilities for valuing and reclaiming ancestral knowledge. In this sense, this work aims to report and analyze the extension experience developed in the Praia da Penha community, in João Pessoa – PB, through the extension projects “Strengthening Popular Culture in Peripheral Communities: Capoeira, Ubuntu and Afro-Brazilian Values” (2023/2024) and “Afro-Brazilian Culture in the Praia da Penha Community: Play and Nature” (2024/2025), linked to the Federal University of Paraíba. The research starts from the understanding of capoeira as an Afro-Brazilian cultural practice that articulates education, culture, and resistance, enabling the appreciation of popular knowledge and the strengthening of collective identities. This study is based on the principles of Popular Education, especially the contributions of Paulo Freire, as well as the African philosophy of Ubuntu and Afro-Brazilian civilizational values. It is a qualitative experience report, based on participant observation and the recording of experiences with children and adolescents in the community. The activities involved capoeira classes, storytelling, traditional games, cultural workshops, and educational actions aimed at valuing Afro-Brazilian culture, collectivity, and care for the environment. The results show that capoeira, as a pedagogical and cultural practice, contributes to strengthening self-esteem, cultural identity, socialization, and a sense of belonging among children, in addition to promoting values such as cooperation, respect, and solidarity, aligned with the principles of the Ubuntu philosophy. It is concluded that outreach experiences mediated by popular culture constitute important strategies for promoting anti-racist education and valuing Afro-Brazilian knowledge, also highlighting the fundamental role of the Brazilian public university in building socially committed educational practices and strengthening the dialogue between academic and community knowledge.

Keywords: Capoeira; Popular Education; Ubuntu; Afro-Brazilian Culture; University Extension.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Associação Comunitária dos Moradores da Penha	27
Figura 2 — Integrantes do projeto de capoeira reunidos após vivência pedagógica.	30
Figura 3 — Oficina de Abayomis	36
Figura 4 — Estudantes produzindo autorretratos na oficina pedagógica Espelho de Oxum.	37
Figura 5 — Participante do projeto confeccionando placa educativa.	38
Figura 6 — Registro de momento de união e afeto entre o grupo após a troca de cordas.	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. “HERANÇA MINHA”: EDUCAÇÃO POPULAR, CAPOEIRA, FILOSOFIA UBUNTU E VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS	13
2.1 EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR.....	13
2.2 CAPOEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA AFRO-BRASILEIRA.....	17
2.3 FILOSOFIA UBUNTU	19
2.4 VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS.....	21
3. METODOLOGIA	25
4. A CAPOEIRA NA COMUNIDADE DA PENHA: CONTEXTO E ORGANIZAÇÃO DO PROJETO	26
5. VIVÊNCIAS, PRÁTICAS E PROMOÇÃO DOS VALORES AFRO- BRASILEIROS.....	30
5.1. ESPELHO DE OXUM	31
5.2 CAÇA AOS VALORES.....	31
5.3 ESPECIAL IBEJIS	32
5.4 VISITA AO PRESIDIO SILVIO PORTO.....	33
5.5 CONFECÇÃO DE PETECAS	34
5.6 AÇÃO DE LIMPEZA	34
5.7 SAWABONA / SHIKOBA.....	34
5.8 OFICINA DE BRINCADEIRAS AFRICANAS.....	35
5.9 VIRADA CULTURAL DA PENHA: II NOS RITMOS DA MÃE ÁFRICA	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
7. REFERÊNCIAS	43

1. INTRODUÇÃO

Me autodeclaro parda, possuo fenótipos negros sutis, pouco evidentes e cresci em uma família católica, o que nunca me expôs a qualquer forma de preconceito racial ou intolerância religiosa. Apenas na reta final da graduação, ao cursar a disciplina optativa *Educação para as Relações Étnico-Raciais*, soube, por meio de dados do IBGE, que pessoas como eu, classificadas como pardas, pertencem à categoria negra. Inicialmente, a temática da educação antirracista não despertava meu interesse. No entanto, essa percepção mudou ao participar de uma aula da disciplina de Psicologia, ministrada pela professora Aurora Camboim, na qual foi apresentada uma vivência de capoeira e uma dança afro em homenagem a um orixá. Fiquei incomodada ao observar diversos colegas se ausentarem da sala por razões religiosas cristãs, o que despertou em mim a curiosidade e a necessidade de compreender melhor a cultura africana e as práticas pedagógicas antirracistas.

Com esse sentimento plantado em mim, comecei a acompanhar as redes sociais do Grupo Capoeira Brasil Penha e me encantei com um treino no qual as crianças participavam na praia à luz do luar. Poucos dias depois, surgiu a oportunidade de atuar como bolsista PROBEX no projeto de extensão *Fortalecimento da Cultura Popular em Comunidades Periféricas: Capoeira, Ubuntu e Valores Afro-Brasileiros (2023/2024)*. O projeto, também mediado pela professora Aurora, visa realizar o intercâmbio de saberes populares e acadêmicos, vinculando a Universidade Federal da Paraíba ao projeto social desenvolvido na comunidade da Penha, João Pessoa – PB, o qual oferta gratuitamente aulas de capoeira para crianças e adolescentes.

Enquanto bolsista dos projetos de extensão *Fortalecimento da Cultura Popular em Comunidades Periféricas: Capoeira, Ubuntu e Valores Afro-Brasileiros (2023/2024)* e *A Cultura Afro-brasileira na Comunidade da Praia da Penha: o Brincar e a Natureza (2024/2025)*, tive a oportunidade de atuar diretamente com crianças da comunidade da Penha. Essa atuação possibilitou conhecer de perto a beleza natural local, sua forte presença religiosa, um povo receptivo e culturalmente rico, mas também observar os desafios enfrentados pelos moradores, e em especial as crianças que convivem com limitações sociais e estruturais comuns a muitos contextos periféricos.

Historicamente, segundo Santos (2015) o processo de escravização no Brasil tentou destituir a população afro-indígena de suas principais bases de valores socioculturais, atacando suas identidades individuais e coletivas. Esse tema tem grande relevância pois, o trabalho realizado com crianças na comunidade mediado pela capoeira evidencia a necessidade de

práticas educativas que valorizem a cultura afro-brasileira como parte fundamental da construção de identidades, do fortalecimento da autoestima das crianças e da promoção de uma educação antirracista. A capoeira, neste contexto, torna-se mais do que uma prática corporal: é uma ferramenta de resistência, pertencimento, e transformação social, especialmente quando articulada aos princípios da filosofia Ubuntu, que traduz a ideia de que “eu sou porque nós somos” estabelecendo a coletividade e o cuidado como pilares do ser humano.

No plano individual, as pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tida como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens. (Santos, 2015, p. 37)

Rufino (2021) considera a colonização como um evento que tem, em primeiro lugar, o ataque ao corpo. Sendo assim, não podemos deixar de avançar na problematização da penetração das suas formas de violência nas várias camadas que compõe a existência dos viventes. Se a identidade coletiva se constitui em diálogo com as identidades individuais e respectivamente pelos seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas (Santos, 2015).

Segundo Gomes (2003) construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Sobre o exposto, Gomes afirma que,

como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (Gomes, 2003, p. 171)

Para Costa *et al.* (2021), é a dimensão simbólica de pertencimento ou de exclusão que pode gerar maiores transformações ou reiterar dores e apagamentos, repetindo violências históricas.

Segundo Schroeder, Vieira e Silva (2017),

A capoeira pode ser tratada como importante elemento cultural e educacional por envolver a perspectiva de compreensão integral do corpo, considerando aspectos da expressão corporal, musical, social, ritualístico e filosófico, com

possibilidade de se discutir valores como solidariedade, coletividade, cooperação, companheirismo e autonomia, perspectivando tornar-se sujeito de sua história. (Schroeder, Vieira e Silva, 2017, p. 4).

Nesse sentido, a capoeira, enquanto expressão cultural afro-brasileira e Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, configura-se como uma prática pedagógica educativa rica em possibilidades para a valorização e o resgate de saberes ancestrais. Dentre esses saberes, destacam-se os valores civilizatórios afro-brasileiros elencados por Azoilda Trindade Lopes (2010), como a oralidade, a circularidade, a corporeidade, a musicalidade, entre outros.

Gomes (2003) destaca que ao discutir a relação entre educação e cultura, é sempre bom lembrar que a educação não se reduz à escolarização. Para a autora, a educação,

[...] é um amplo processo, constituinte da nossa humanização, que se realiza em diversos espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho, nas ações coletivas, nos grupos culturais, nos movimentos sociais, na escola, entre outros. [...] Muitas vezes, as práticas educativas que acontecem paralelamente à educação escolar, desenvolvidas por grupos culturais, ONG's, movimentos sociais e grupos juvenis precisam ser considerados pelos educadores escolares como legítimas e formadoras. Elas também precisam ser estudadas nos processos de formação de professores. (Gomes, 2003, p. 170)

Partindo deste pressuposto questiona-se: Como a experiência extensionista mediada pela capoeira pode contribuir para a construção de uma prática pedagógica antirracista fundamentada em valores afro-brasileiros e na filosofia Ubuntu?

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral relatar a experiência realizada nos projetos de extensão da UFPB na comunidade da Penha e analisar como a capoeira pode promover os valores civilizatórios afro-Brasileiros e a filosofia Ubuntu, levando a um maior senso de cuidado e coletividade. Como objetivos específicos, pretende-se: Refletir sobre a contribuição do projeto para a educação antirracista e a valorização da cultura afro-brasileira na comunidade; Identificar as principais atividades pedagógicas realizadas no projeto de capoeira na comunidade da Penha; Compreender de que maneira os princípios da filosofia Ubuntu e os valores civilizatórios afro-brasileiros se manifestam nas relações, vivências e práticas coletivas do projeto.

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, baseado na atuação como bolsista PROBEX nos anos de 2024 e 2025. O trabalho está organizado em cinco capítulos: o primeiro apresenta a introdução; o segundo, a fundamentação teórica intitulada “Herança minha”, na qual são abordados, em subtópicos, Educação e Cultura Popular, Capoeira como Prática Pedagógica Afro-brasileira e Filosofia Ubuntu e Valores Civilizatórios Afro-

brasileiros; o terceiro capítulo descreve a metodologia utilizada; o quarto trata da capoeira na comunidade da Penha: Contexto e organização do projeto; o quinto refere-se as vivências práticas e promoção dos valores afro-brasileiros e, por fim, o sexto apresenta as considerações finais.

2. “HERANÇA MINHA”: EDUCAÇÃO POPULAR, CAPOEIRA, FILOSOFIA UBUNTU E VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

Associar a educação diretamente ao ambiente escolar e à absorção de conteúdos é uma prática comum e corriqueira. Porém, para além da sala de aula, ela acontece em outros espaços e de tantas outras maneiras. No fazer, nas ações coletivas e no criar, a educação alcança seu objetivo pleno, o de transformar e causar mudanças significativas, tanto sociais quanto pessoais, contribuindo para um mundo melhor e mais humano. Nesta perspectiva, a capoeira configura-se como um espaço que promove a libertação dos sujeitos e traz esperança para o povo que luta e resiste.

Por meio da roda, o sujeito se conecta com os valores que o constituem como pessoa e com a cosmologia africana que ensina que "todos somos um". Pois, é na relação com o outro que os sujeitos se fazem, se refazem e são. Quanto mais aprendem sobre si, sua história e cultura, mais se afirmam enquanto sujeitos de direitos, críticos e conscientes, buscando, assim, ir além. Sendo assim, pode-se afirmar que a capoeira educa e, ao educar, transforma.

Partindo deste pressuposto, este capítulo tem como objetivo fundamentar teoricamente este trabalho, apresentando os conceitos de educação popular, capoeira, filosofia Ubuntu e valores civilizatórios afro-brasileiros. Parte-se da compreensão de que a capoeira, como prática educativa, pode contribuir para a construção de uma prática pedagógica antirracista fundamentada em valores afro-brasileiros e na filosofia Ubuntu, promovendo mudança social e a emancipação dos sujeitos.

2.1 EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR

A educação popular tem como princípio a transformação social. De acordo com Pereira e Pereira (2012), falar em Educação popular na atualidade, é falar do conflito que move a humanidade; é falar dos sonhos e ao mesmo tempo dos sofrimentos humanos. Sendo a educação popular um laboratório de experimentação que busca desvendar e reinventar o mundo. Nesta perspectiva, os autores destacam que,

A Educação popular pode contribuir para reacender “a chama da esperança” das classes populares, pois propõe uma relação educativa que vai além do trabalho com conteúdos escolares, vai em busca da formação do homem-pessoa, ao invés do homem-coisa, do homem como um ser social comprometido com as causas de seu tempo, insatisfeito, curioso, sonhador, esperançoso e fundamentalmente transformador. (Pereira, 2012, p. 74)

Nesse sentido, a cultura popular configura-se como um instrumento de educação popular na medida em que desperta nos sujeitos o seu potencial criador, permitindo que deles se extraia e se construa o conhecimento. No Brasil, a cultura Popular potencializa-se como instrumento de educação popular na década de 1960, tendo como principal referência a pedagogia de Paulo Freire. Segundo Pereira,

Começaram a brotar, no Brasil, movimentos voltados para a promoção da cultura popular, dos quais Freire participou. Juntamente com outras pessoas, fundou e participou do Movimento de Cultura Popular de Recife (MCP). Esse movimento tinha a intenção de levar a todas as pessoas a cultura produzida pelo povo. O MCP pretendia trabalhar com educação e cultura popular. Mais do que levar a cultura, pretendiam resgatar, nas pessoas, o seu potencial criador. Reafirmavam, na prática, que todo ser humano produz cultura na sua relação com o outro e com o mundo. (Pereira 2012, p. 76)

Para Freire (1997), uma das questões centrais da Educação Popular é a linguagem como caminho para a invenção da cidadania. O autor afirma ainda que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra (Freire, 2006), destacando que a compreensão da realidade antecede o domínio da leitura e da escrita formal.

Ou seja, o processo educativo deve partir do contexto social, histórico e cultural do educando, reconhecendo que este já possui uma leitura prévia do mundo antes mesmo de acessar o conhecimento sistematizado. Nessa perspectiva, educar não significa apenas transmitir conteúdos, mas possibilitar que os sujeitos compreendam criticamente sua realidade e se reconheçam como protagonistas de sua própria história.

Pacheco (2016) destaca que,

Apesar de haver conceitos distintos a respeito do que vem a ser Educação Popular, um ponto em comum a todos esses é o fato de que sua proposta deve estar fundada em um projeto político pedagógico alternativo à lógica capitalista, e que se baseie em uma concepção de educação transformadora, através da qual o explorado compreenda a sua situação no contexto histórico, político, cultural e econômico, dando-lhe a possibilidade de transformar a sua realidade, a partir deste entendimento. (Pacheco, 2016, p. 91)

Brandão (2016) complementa ao afirmar que,

Uma educação que, usando termos caros a Paulo Freire, vá além de ensinar pessoas a apenas lerem e repetirem palavras, as coensinem a lerem criticamente o seu mundo. Para tornar educandos populares sujeitos críticos e criativos, por meio de uma prática de crescente reflexão conscientizada e

conscientizadora, o papel do educador “erudito” e “comprometido” consiste em assessorar homens e mulheres das classes populares na tarefa de ajudar – de dentro para fora e de baixo para cima – a se tornarem capazes de serem os construtores de uma nova cultura popular, a partir de novas práticas coletivas. (Brandão, 2016, p. 96)

Vale destacar que a educação popular não acontece apenas no contexto escolar, mas sobretudo nas comunidades, nas ações culturais e nas lutas sociais do povo. Entretanto, para que uma prática educativa seja considerada educação popular, não basta estar inserida em comunidades ou trabalhar com as camadas populares. De acordo com Fávero (2006), não é apenas por atuar junto às classes populares que um programa educativo se torna de “educação popular”. O que lhe confere esse caráter é o fato de colocar-se a serviço das classes subalternas, estando ao lado das populações oprimidas em suas lutas por libertação.

Nesse sentido, Freire (2013) compreende que a educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para “ser mais”. Para o autor, quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.

Para tanto, a “cultura do povo” deve ser valorizada como um instrumento educativo de luta, resistência e emancipação do sujeito. De acordo com Brandão,

As ações culturais populares, decorrentes dos movimentos de cultura popular, trabalhavam baseadas na realidade concreta de seus sujeitos, reconhecendo suas próprias raízes culturais populares, em suas distintas manifestações, como a arte popular, os saberes populares, a música, as festas populares, as diferentes tradições, os costumes, elementos de significação e de produção da própria existência, expressões que passaram a compor a ação popular e a educação popular. (Brandão, 2016, p. 103)

Nesta perspectiva, Paulo Freire (1989) defende a cultura como sendo a forma como o povo entende e expressa o seu mundo e como o povo se compreende nas suas relações com o seu mundo. Segundo o autor,

Todos os Povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. A dança do Povo é cultura. A música do Povo é cultura, como cultura é também a forma como o Povo cultiva a terra. Cultura é também a maneira que o Povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha. (Freire, 1989, p. 42)

No Brasil é muito comum que a cultura das elites se sobressaia à cultura popular, geralmente uma cultura eurocentrada que vem de fora ou das classes dominantes. A respeito dessa relação de dominação cultural, Freire afirma que,

Os colonialistas diziam que somente eles tinham cultura. Diziam que antes da sua chegada à África nós não tínhamos História. Que a nossa História começou com a sua vinda. Estas afirmações são falsas, são mentirosas. Eram afirmações necessárias à prática espoliadora que exerciam sobre nós. Para prolongar ao máximo a nossa exploração econômica, eles precisavam tentar a destruição da nossa identidade cultural, negando a nossa cultura, a nossa História. (Freire, 1989, p. 42)

Para Freire (2003) uma educação que pretendesse adaptar o homem estaria matando suas possibilidades de ação. Adaptar significa acomodar o sujeito às condições existentes, enquanto educar, na perspectiva freireana, implica estimular a reflexão crítica e a capacidade de transformar a realidade.

Sendo assim, continuando com o pensamento de Freire (2003), uma sociedade justa dá oportunidade às massas para que tenham opções e não a opção que a elite tem, mas a própria opção das massas. Ou seja, garante que as classes populares possam exercer autonomia, participar ativamente das decisões e se tornar sujeitos politicamente ativos na sociedade.

Nessa perspectiva, a ação cultural apresenta-se como propulsora na formação de sujeitos críticos, que compreendem a importância da cultura na sua subjetividade, na construção da sua identidade, mas também no contexto coletivo e comunitário. De acordo com Lula e Botelho (2023),

A ação cultural é atividade dialógica que pode servir para a auto apresentação dos vestígios de resistência, luta, artes gestadas das vivências entre oprimidos da terra. Ação cultural é educar para dar sentido à Memória popular no processo histórico concreto onde se situa as vidas dos e das educandas. E, por conseguinte, fazer a cultura popular falar, comunicar com autonomia de classe e consciência crítica os seus gestos e valores. (Lula; Botelho 2023, p. 179)

Nesse sentido, o desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente, pois, segundo Freire (2013), todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro se baseia no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos.

Dentre as diversas ações culturais que contribuem para essa transformação social, destaca-se a capoeira, que desempenha um papel fundamental na libertação das classes populares e na construção de uma sociedade mais humana, comprometida com a valorização das existências e com o viver em coletividade. Sobre esta arte-luta, Camboim e Passos (2023) destacam que,

a Capoeira é um dos mais emblemáticos símbolos de valor cultural forjado no seio das culturas populares étnico-racializadas nacionais, desde a antiga colônia americana portuguesa na América. Junto com o povo negro e pobre, a hoje arte tradicional da cultura popular nacional atravessou séculos de perseguição, criminalização, inferiorização, marginalização; resistiu aos planos e projetos eugenistas e cientificistas das elites políticas e econômicas brasileiras e estrangeiras, empreendidos de modo mais organizado desde os princípios da República, que consistiam na extinção dessa raça e o integral branqueamento brasileiro. (Camboim; Passos, 2023, p.180)

No tópico seguinte será discutida sobre esta potente ferramenta educativa decolonial, compreendida como um dos maiores instrumentos de resistência da cultura popular que tem contribuído com a afirmação e empoderamento do povo negro, construção da identidade, emancipação dos sujeitos, luta por inclusão e novos sentidos de se posicionar e compreender o mundo.

2.2 CAPOEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA AFRO-BRASILEIRA

A capoeira surgiu no Brasil como uma forma de resistência entre os africanos escravizados. Segundo Reis (1997), trata-se de uma manifestação cultural brasileira nascida em circunstâncias de luta por liberdade, durante o período da escravidão. Dessa forma, essa população marginalizada utilizava a capoeira como meio de sociabilidade, solidariedade e como estratégia de disfarce e sobrevivência diante das violências e opressões às quais era submetida.

Arte que apresenta registros iconográficos e documentais desde o século 18, a capoeira tem diversas vertentes, ensinadas por mestres, contramestres, professores e instrutores. além disso, cobre um amplo território geográfico que mapeia os cinco continentes, uma vez que as rodas de capoeira estão difundidas em mais de 150 países. (IPHAN, 2014, p. 13)

Por muito tempo, essa arte-luta de múltiplas dimensões foi alvo de perseguição e proibição em nosso país. A capoeira era considerada uma prática marginalizada, configurando-se como crime e sendo vista como uma ameaça à ordem da sociedade colonial e posteriormente republicana. Assim, aqueles que fossem flagrados praticando-a eram punidos com extrema violência. De acordo com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), com o fim da escravidão e o início da República, a capoeira foi inserida “com todas as letras” no Código Penal Brasileiro, por meio do Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890, que assim dizia:

“Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal. Pena: de prisão cellualar de dois meses a seis meses”. (IPHAN, 2014, p. 26)

Somente após muitas décadas, marcadas por repressão, silenciamento e apagamento, mas também por resistência, a capoeira passou a ser reconhecida como arte, instrumento de defesa e manifestação cultural brasileira, alcançando diferentes grupos sociais, apesar do preconceito social e racial historicamente associado à sua prática. Inicialmente, porém, era vista como uma atividade praticada majoritariamente por homens negros e pobres, o que contribuiu para a estigmatização e marginalização dessa expressão cultural.

A Roda de Capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 26 de novembro de 2014. No Brasil, o IPHAN oficializou o registro da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial em 2008. O patrimônio imaterial brasileiro é composto por aqueles bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Esse reconhecimento representa um marco importante, não apenas pela valorização cultural, mas também como forma de preservação, legitimação e inserção da capoeira em espaços públicos e educativos.

No contexto educacional brasileiro, o ensino da capoeira também encontra respaldo na lei Nº 10639, de 9 de janeiro de 2003 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003)

Nesse sentido, a capoeira, enquanto manifestação da cultura popular afro-brasileira, deve ser transmitida nas escolas como forma de valorização da cultura africana e de fortalecimento da identidade brasileira. Além disso, sua prática pode contribuir com importantes benefícios pedagógicos para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, uma vez

que envolve atividades como o canto, o toque de instrumentos e a ludicidade, favorecendo também a oralidade e a transmissão de saberes tradicionais.

Enquanto prática cultural e pedagógica desenvolvida por educadores no contexto comunitário, a capoeira configura-se como um instrumento da educação não formal, possibilitando também diversas formas de exploração educativa. Brandão (1995) afirma que a educação se faz presente em todos os lugares e materializa-se no ensino de qualquer conhecimento que constitui elementos de identidade de culturas diferentes.

Por ser uma atividade que envolve esporte, luta, dança, cultura popular, música e brincadeira também promove aos participantes benefícios físicos, psicológicos e sociais, além de possibilitar a realização do intercâmbio de saberes acadêmicos e populares, proporcionando aos participantes uma conscientização crítica e cidadã através da compreensão do papel emancipador e de resistência da cultura popular, viabilizando novos sentidos de ser e estar no mundo.

Nesse sentido, a prática da capoeira em uma perspectiva educativa contribui com a transformação social e dialoga com o pensamento freiriano que enxerga a educação como um ato libertador. Para Freire (1992) a libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade.

Segundo Camboim e Passos (2023), a capoeira é reconhecida por estudos historiográficos e etnográficos como uma antiga arte-luta popular afro-brasileira capaz de construir valores de solidariedade coletiva, de defesa da comunidade através dos movimentos de inclusão social. Sendo assim, seus valores estão alinhados à filosofia africana do Ubuntu que valoriza as existências partindo de uma cosmologia coletiva e se sustenta no bem comum, em uma perspectiva de preocupação tanto do indivíduo com o coletivo quanto do coletivo com o indivíduo. No tópico seguinte será discutido sobre esta filosofia e sua relação com a capoeira.

2.3 FILOSOFIA UBUNTU

Ubuntu é uma filosofia africana que valoriza a coletividade, o cuidado com o outro, o respeito mútuo e a interdependência. Malomalo (2014) afirma que Ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano, e pode ser traduzido como “eu só existo porque nós existimos”.

De acordo com Noguera (2011) outra possível tradução para o Ubuntu seria “o que é comum a todas as pessoas”. Segundo o autor “ubu” indica tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum. “Ntu” significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando.

Segundo Ramose (1999), Ubuntu constitui uma categoria ontológica e epistemológica no pensamento africano dos povos de línguas bantas Zulu e Xhona. O autor compreende a filosofia não como um sistema estruturado, mas como um estado de ser. Nesse sentido, o significado central do aforismo Ubuntu está relacionado à ideia de humanidade: ser humano é ser respeitável e agir com cortesia e consideração para com os outros.

Para Ramose (2002), a filosofia africana é consistente com a posição filosófica de que o movimento é o princípio do ser, entendido como “ser-sendo”. O autor entende que o conceito de Ubuntu não descreve apenas o que é o ser humano no presente, mas também expressa sua constante construção por meio das relações com os outros. Ou seja, o ser humano está sempre em processo de vir a ser, tornando-se plenamente humano a partir da convivência, da ética e do cuidado coletivo.

Nogueira (2018) ressalta que “Ubuntu” não é uma palavra mágica que surge para resolver os conflitos e “salvar” as pessoas diante de disputas políticas. O autor destaca o Ubuntu como uma maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica (Nogueira, 2011).

Segundo Malomalo (2014), Ubuntu pertence ao pensamento alternativo que cogita o mundo a partir da complexidade. No contexto desta filosofia, não se pode falar de economia e política sem levar em consideração os valores da comunidade cósmica. Ou seja, o divino, a comunidade e a natureza. Pois, para os africanos e seus descendentes, toda existência é sagrada.

Malomalo (2014) afirma que no Brasil a noção do Ubuntu chega com os escravizados africanos a partir do século XVI.

Estes trouxeram a sua cultura nos seus corpos e esta foi reinventada a partir do novo contexto da escravidão, o que fez com que falar de Ubuntu no Brasil, fosse falar de solidariedade e resistência. Entre outros registros histórico-antropológicos que expressam o “Ubuntu afro-brasileiro”, podemos citar os quilombos, as religiões afro-brasileiras, irmandades negras, movimentos negros, congadas, Moçambique, imprensas negras. (Malomalo, 2014, p. 96)

Segundo Oliveira (2024), a Filosofia Ubuntu Africana é a ciência da sensibilidade, que prima pela ética de inclusão, pensa em diversas epistemologias propositivas para uma mudança consciente por meio das práxis humanas. De acordo com a autora,

Dentro de sua estrutura filosófica, a palavra Ubuntu, por ser uma ética que permeia as relações entre os humanos e não humanos, inclui em si conceitos como espiritualidade, ancestralidade, solidariedade, empatia, compaixão, em conexão com o sensível e o inteligível concomitantemente. Trata-se de uma

perspectiva que diverge do conceito eleito pelo pensamento filosófico eurocêntrico. (Oliveira, 2024, p. 29)

Tais conceitos propostos pela autora são vivenciados na capoeira. Portanto, na Capoeira, a definição de Ubuntu se manifesta de maneira muito presente, pois a roda evidencia o respeito pelo outro, pela natureza e pelo coletivo. A prática dessa arte em círculo reflete a ideia de circularidade ancestral e de renascimento. O respeito aos mestres, as músicas que ensinam sobre história e coletividade, os instrumentos que, com seus sons, nos conectam e nos enchem de axé, e as histórias transmitidas por meio da oralidade preservam nossa memória e fortalecem o senso de pertencimento proporcionado pela Capoeira.

Além disso, a forma como a capoeira se apresenta não apenas promove os princípios da filosofia Ubuntu, mas também reflete os valores civilizatórios afro-brasileiros. De acordo com Trindade (2010) são valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Evidenciando que nosso modo de ser é herança ancestral e afrodescendente. Estes valores elencados por Azoilda Trindade serão abordados no tópico seguinte.

2.4 VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

Os valores Civilizatórios Afro-brasileiros são os princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais, e materiais, que se constituíram num processo histórico, social e cultural. Trindade (2010) afirma que a África e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil estes valores. Trata-se da herança africana que constitui o modo da população brasileira de ser e estar no mundo. São valores implantados no Brasil pelos afrodescendentes que se manifestam através da música, gastronomia, literatura, ciência, religião, características físicas e outras.

Segundo Dumani (2023), é corriqueiro associar a ideia de civilização à estética europeia. Quando se fala do território africano, prevalece no imaginário coletivo a imagem da savana, das cabanas, do deserto, da fome e da guerra. Para o autor, essa representação não ocorre por acaso: ela reflete uma estrutura social racista construída e reproduzida historicamente em escala mundial. Dessa forma, utilizar o termo “valor civilizatório” no contexto afro-brasileiro contribui para a desmistificação da ideia de um continente selvagem e primitivo, reafirmando que a África foi e é um espaço de civilizações e reinos com relações sociais complexas e ricas em saberes.

Trindade (2010) elenca valores civilizatórios que estão presentes em manifestações da cultura afro-brasileira, como energia vital, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade e cooperatividade.

Estes valores estão presentes na capoeira, e através deles é possível proporcionar o contato com a cultura de forma lúdica, por meio de brincadeiras, músicas, contação de histórias e outros, de modo a contribuir com a preservação e resgate histórico da construção da identidade nacional brasileira, além de promover o respeito à diversidade cultural e a valorização da pluralidade étnica.

Segundo Trindade (2010) tudo que é vivo e que existe, tem axé, tem energia vital. Nesse sentido, Silva (2012) defende que a palavra axé, do ioruba àṣe, que se torna presente na língua portuguesa falada no Brasil (tendo seu significado adaptado a diferentes contextos) é a princípio “a força que assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir.

De acordo com Ferreira (2022), na capoeira, a expressão “Axé” está presente em músicas, no discurso, e é algo que pode ser sentido e medido segundo alguns capoeiristas pela maneira como o coletivo e os elementos presentes na roda emocionam e impactam as percepções dos indivíduos. O autor descreve o Axé como sendo o elemento responsável por nutrir e cuidar da saúde mental mesmo que o corpo físico esteja fadigado.

Sobre o corpo, Trindade (2010) destaca sua importância, na medida em que com o corpo vivemos, existimos, somos no mundo. Pois, um povo que foi arrancado da África e trazido para o Brasil só com seu corpo, aprendeu a valorizá-lo como um patrimônio muito importante.

Segundo Gomes (2003),

O corpo localiza-se em um terreno social conflitivo, uma vez que é tocado pela esfera da subjetividade. Ao longo da história, o corpo se tornou um emblema étnico e sua manipulação tornou-se uma característica cultural marcante para diferentes povos. Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. (Gomes, 2003, p. 174)

Assim a corporeidade é outro valor descrito Por Trindade (2010) que também é muito presente na capoeira. Gonçalves (2019) destaca que é através do corpo que o capoeirista se comunica, brinca, dança, luta, por outra, realiza todas estas ações no jogo, que se desdobra, em diálogos corporais constantes.

Segundo Ferreira (2022) na capoeira, o corpo é a principal forma de conexão com o conteúdo da capoeira e seus elementos. O autor afirma que,

O jogar capoeira carrega muitos símbolos e metáforas que são aplicadas à vida, a própria roda de capoeira é uma metáfora da grande roda que é o mundo. É comum entre capoeiristas o entendimento de que a capoeira prepara o corpo e a mente para o dia a dia e seus desafios. (Ferreira, 2022, p. 26)

A musicalidade é um dos valores civilizatórios mais marcantes presentes na capoeira, sendo responsável por dar ritmo, energia e sentido à roda. Por meio das canções e dos instrumentos, como o berimbau, o pandeiro e o atabaque, os capoeiristas se expressam, narram histórias, transmitem ensinamentos e preservam memórias da cultura afro-brasileira. De acordo com Trindade (2010) A música é um dos aspectos afro-brasileiros mais emblemáticos.

Para Ferreira (2022) a música de capoeira carrega sempre uma mensagem que pode ser de natureza diversa, sendo também uma forma de comunicação e uma metodologia de ensino-aprendizagem sobre diversos temas, dentre eles o tema da relação étnico-racial. Como diz a canção de mestre Irmão, “Meu pai é rei, minha mãe rainha, e a capoeira, é herança minha”, o trecho convida a refletir sobre o empoderamento negro, desmistificando a ideia de que subalterniza ou inferioriza o negro, além de gerar um senso de pertencimento da arte como herança ancestral, que, segundo o mestre na própria canção, o negro escravizado criou a capoeira com uma arma de libertação.

Outro valor civilizatório que se relaciona diretamente com a musicalidade é a oralidade. Para Trindade (2010), nossa expressão oral, nossa fala são carregadas de sentido, de marcas de nossa existência. Através da oralidade os saberes e ensinamentos vão sendo repassados de geração em geração, preservando nossa história, nossa memória e identidade.

Segundo Brandão (2006), a expressão oral em todas as suas possibilidades é uma força a ser potencializada, vivenciada num projeto que propõe valorizar a cultura africana e afro-brasileira. Para a autora, a palavra do outro pode ser vista como elemento de construção de uma educação centrada no diálogo entre as pessoas e no infinito de possibilidades que esse diálogo pode vir a propiciar em trocas, criações, conspirações, alegrias, compartilhamentos. Trata-se da valorização oral não como negação da escrita, mas como afirmação de independência, de autonomia relacional, de comunicação, de contato.

A oralidade nos associa ao nosso corpo: nossa voz, nosso som faz parte do nosso repertório de expressão corporal; nossa memória registra e recria nosso repertório corporal-cultural; nossa musicalidade confere ritmo próprio, singularidade à nossa corporeidade, está marcada pelo nosso pertencimento a um grupo, a uma ou várias comunidades, na medida em que, para nos comunicar com o outro, precisamos ser reconhecidos por ele, estar em interação, em diálogo com ele. (Brandão, 2006, p. 36)

Sobre a proposta dos valores civilizatórios, Correa (2020) destaca que não é de somente sistematizar as evidências deste legado africano-brasileiro, mas refutar a ideia de que as populações negras seriam incapazes de desenvolver uma sociedade sólida e organizada, baseada na harmonia, na invenção e na tradição. Segundo o autor,

Os valores civilizatórios afrobrasileiros representam o legado africano presente em diversas manifestações das comunidades negras brasileiras. Este legado está presente em diversas formas de sociabilidades de nossos cotidianos, não se limitando somente a comunidades tradicionais como os quilombos e terreiros, nem expoentes da cultura popular brasileira, como o samba, a capoeira, o maracatu e o jongo. (Correa, 2020, p.114)

Esses valores, entre outros presentes na capoeira, carregam uma forte ancestralidade e revelam a sabedoria e a riqueza cultural do povo afro-brasileiro. Quando mobilizados com intencionalidade pedagógica, tornam-se importantes instrumentos educativos, capazes de promover novos sentidos e formas de compreender o mundo a partir da cosmologia africana, que valoriza o viver em comunhão, a coletividade, a unidade e o respeito ao outro. Dessa forma, contribuem para a construção de relações mais humanas e para a formação de uma sociedade mais justa e plural.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho adota uma abordagem qualitativa, pois busca analisar como a capoeira pode promover os valores civilizatórios afro-brasileiros e a filosofia Ubuntu. Esta abordagem permite a análise em maior profundidade, a partir de situações singulares, segundo Eiterer et al. (2010) isso significa dizer que essa modalidade de investigação é própria para situações que envolvem pequenas populações, pretendendo adentrar as informações, interpretar significados, narrar situações, descrever processos culturais e/ou institucionais.

Utilizou-se o método de relato de experiência buscando compreender e refletir sobre as ações realizadas nos projetos de extensão da UFPB na comunidade da Penha de modo a gerar um maior senso de cuidado e coletividade aos participantes. Sobre este método, Mussi, Flores e Almeida destacam que:

O Relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica. (Mussi, Flores e Almeida, 2021, p.65)

Foram utilizados a observação participante e o registro das experiências desenvolvidas nas aulas de capoeira e atividades educativas ligadas à comunidade. Esses registros ocorreram por meio de anotações em diário de campo e reflexões produzidas ao longo das práticas, buscando evidenciar não apenas as ações realizadas, mas também as interações, aprendizagens e sentidos construídos coletivamente. Eiterer et al. (Alvez, Mazzoti e Gewandsznadger, 2002 apud Eiterer et al., 2010, p. 28) sublinha que o trabalho de observação requer do pesquisador muita sensibilidade e flexibilidade para lidar com as pessoas e com as diferentes situações, estabelecendo um clima de confiança, sendo um bom ouvinte e não se precipitando em confirmar hipóteses ou categorizar os fenômenos observados.

Portanto, esta pesquisa envolveu a colaboração/participação da comunidade de maneira espontânea e respeitosa, prezando pela transparência das informações e cuidado com os dados coletados, de modo que não ofereça riscos ou danos para os envolvidos. Cabe destacar que o trabalho desenvolvido na comunidade por meio da prática da capoeira tem o assentimento e apoio dos pais e responsáveis das crianças que frequentam as aulas, sendo este um aspecto de fundamental importância para o desenvolvimento de um trabalho de investigação que preza pelos princípios da ética e bem-estar dos participantes.

4. A CAPOEIRA NA COMUNIDADE DA PENHA: CONTEXTO E ORGANIZAÇÃO DO PROJETO

Os projetos de extensão (PROBEX) intitulados “Fortalecimento da cultura popular em comunidades periféricas: Capoeira, ubuntu e valores afro-brasileiros” e “A cultura afro-brasileira na comunidade da praia da Penha: o brincar e a natureza”, coordenados pela Professora Aurora Camboim, com a colaboração do instrutor Jefferson Passos (Blanka) fundamentam-se na Educação Popular Freiriana e ambos têm como objetivo resgatar a cultura popular e as brincadeiras tradicionais, criando um espaço de atividades para envolver as crianças e adolescentes da comunidade e seus familiares.

Especificamente, os projetos visam promover a identidade cultural afro-brasileira, fortalecer as identidades coletivas, melhorar a socialização entre os jovens, combater o preconceito e a intolerância religiosa e integrar saberes acadêmicos com práticas comunitárias, através da capoeira e atividades ligadas a esta. Sendo estes integrados a iniciativa maior intitulada “Lições de Capoeira”, que tem sido desenvolvida desde 2020 em programas de extensão, ensino e pesquisa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A prática da capoeira na comunidade mediada por educadores dispõe de um amplo leque de possibilidade de utilização pedagógica. Por ser uma atividade que envolve esporte, luta, dança, cultura popular, música e brincadeira promove aos participantes benefícios físicos, psicológicos e sociais, além de possibilitar a realização do intercâmbio de saberes acadêmicos e populares, proporcionando aos participantes uma conscientização crítica e cidadã através da compreensão do papel emancipador e de resistência da cultura popular, viabilizando novos sentidos de ser e estar no mundo.

Assim os projetos buscaram utilizar a capoeira como uma prática transformadora, promovendo aos envolvidos o resgate e valorização da cultura, o sentimento de pertencimento ao mundo natural e atitudes ambientais fundamentais à sustentabilidade do planeta, por meio de ações e vivências educativas.

Os encontros aconteceram na comunidade da Penha, JP-PB, atendendo uma média de dez crianças por treino, podendo este número variar. Prioritariamente os treinos acontecem no espaço físico da associação comunitária dos moradores. Porém, apesar de o espaço beneficiar a comunidade, ser de fácil acesso e ofertar outros tipos de atividades sociais pode-se observar que a estrutura do espaço necessita de reparos no piso, nas janelas e iluminação, o que torna um desafio enfrentado pelos idealizadores do projeto, conforme apresentado na figura 1.

Figura 1 — Associação Comunitária dos Moradores da Penha



Fonte: Acervo da autora (2025).

Portanto os encontros se alternam entre a associação, o pátio da igreja católica quando necessário, a praia e o rio, o que alia de maneira prazerosa, treinos, diversão, natureza e sustentabilidade. Segundo Tiriba (2018), o convívio com a natureza na infância, especialmente por meio do brincar livre, ajuda a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e de resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento integral da criança.

Cotidianamente os treinos se iniciam com um alongamento e um aquecimento corporal, enquanto se alongam as crianças interagem e socializam as novidades tanto na vida pessoal delas quanto o que ocorreu na comunidade no intervalo de tempo entre um treino e outro, também é o momento em que eles demonstram o interesse em aprender algo novo, ou repassar algo que aprenderam, oferecem sugestões e propõem atividades, sejam elas referentes à capoeira ou não, o que demonstra o quanto é significativo para as crianças estes encontros, e como é prazeroso para eles pertencerem ao grupo.

Em todos os encontros o senso de coletividade e respeito é trabalhado com as crianças. Através das aulas de capoeira os valores afro-brasileiros são trabalhados, as crianças adquirem conhecimento sobre corporeidade, musicalidade, ludicidade, ancestralidade, espiritualidade, circularidade, oralidade e cooperatividade. Durante as vivências eles são estimulados a tocar instrumentos, cantar, brincar, movimentar e se expressar, é notória a evolução corporal, a percepção de ritmo e agilidade, o desenvolvimento da autoestima e autoconfiança das crianças

no período observado, principalmente nos mais antigos e nos que frequentam os treinos com assiduidade.

As brincadeiras são realizadas com poucos recursos ou nenhum, e mesmo assim as crianças demonstram grande entusiasmo. A preferida delas é conhecida por cordão de ouro, consiste em girar a sandália para indicar um deles ou mais para tentar alcançar os demais enquanto correm livremente em um espaço amplo, geralmente a área externa lateral a associação. Trata-se de uma brincadeira semelhante a pega-pega, com exceção de que ao ser pega a criança se agacha e pode ser salva por outra criança com um golpe de capoeira chamado meia lua de frente, em cima de sua cabeça.

Outras brincadeiras são realizadas como pular corda, esconder um objeto para eles encontrarem, desafios, e outras brincadeiras populares que são adaptadas para a realidade deles ou ressignificadas com intencionalidade em contribuir com a formação cultural e coletiva.

Além das aulas de capoeira as crianças praticam Maculelê, uma dança folclórica que preserva a história e tradição dos povos africanos realizada em grupo ou dupla, na qual enquanto dançam e cantam simulam uma luta com dois bastões de madeira simbolizando uma forma de resistência e luta contra a opressão. As crianças se mostram muito empolgadas nos encontros com o Maculelê, e se envolvem com facilidade, apesar da forma como é realizada a dança com os bastões as crianças se mantêm atentas para não se machucarem, demonstrando sempre cuidado e afeto umas com as outras.

As crianças também têm contato com a contação de história, por meio destas e em rodas de conversas são resgatados valores afrocêntricos, a importância do cuidado e preservação ambiental, saberes culturais e históricos do meio que estão inseridos.

A comunidade da Penha, assim como outras comunidades periféricas, enfrenta grandes desafios de infraestrutura, mas é também uma região rica em cultura, beleza natural e hospitalidade. Essas características, porém, têm despertado o interesse da especulação imobiliária, provocando impactos significativos na vida dos moradores e ameaçando a preservação da história, da identidade local e consequentemente a perda do território, o que interfere diretamente na relação dos moradores e principalmente das crianças com os espaços naturais, privando-os da liberdade de brincar e transitar por toda a comunidade sem riscos.

Tiriba (2023) destaca que o distanciamento atual entre as crianças e a natureza emerge como uma importante crise do nosso tempo, as tecnologias digitais têm ocupado um espaço significativo nas infâncias, prejudicando as interações o brincar e ferindo a biofilia, consequentemente impactando negativamente na saúde e bem-estar das crianças aumentando consideravelmente os casos de obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, desequilíbrio

emocional, baixa motricidade - falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física, miopia e outros. Além disso o crescente número dos casos de violência nas comunidades, faz com que o cenário adote medidas que emparedam e restringem as crianças da liberdade do brincar ocasionando o apagamento da cultura e das práticas populares.

Sendo assim, o projeto atua de maneira social e inclusiva valorizando experiências construídas com sensibilidade, amorosidade, empatia, encantamento, respeito e reconhecimento da criança como sujeito, atendendo crianças, adolescentes e suas respectivas famílias.

Antes do primeiro contato com a comunidade da Penha, realizou-se uma preparação teórica que incluiu leituras sobre cultura africana, filosofia Ubuntu e valores civilizatórios afro-brasileiros, a partir de autores como Azoilda Trindade, Bas'ilele Malomalo, Nei Lopes, Luiz Simas e José Carlos Reis. Além das leituras, participei de oficinas, reuniões e visitas à Brinquedoteca da UFPB, em articulação com o projeto Lições de Capoeira, o que possibilitou maior compreensão da proposta extensionista e uma rica troca de experiências, fundamentais para minha atuação no projeto.

Nessa fase inicial, também fui apresentada ao grupo Capoeira Brasil e ao Contramestre Ligeirinho, acompanhando uma vivência realizada por eles na comunidade Cidade Verde. Essa experiência contribuiu para a compreensão dos aspectos técnico-corporais e da função social da capoeira no contexto comunitário.

Enquanto bolsista, participei dos treinos, de alguns eventos promovidos pela comunidade, observei o cotidiano dos moradores, adquiri arcabouço teórico, estive presente em eventos acadêmicos representando os projetos, atuei nas redes sociais, desenvolvi e auxiliei na execução de atividades educativas. Esse contexto organizacional e pedagógico constitui o cenário no qual se desenvolveram as vivências que serão descritas e analisadas no tópico seguinte.

5. VIVÊNCIAS, PRÁTICAS E PROMOÇÃO DOS VALORES AFRO-BRASILEIROS

Neste capítulo serão descritas as experiências pedagógicas ocorridas nas aulas de capoeira na comunidade da Penha por meio dos projetos de extensão universitária. Trata-se de vivências significativas que contribuíram para a valorização da capoeira como prática educativa antirracista e para a promoção da cultura afro-brasileira na comunidade.

As atividades desenvolvidas incluíram a compreensão de como a capoeira pode promover a herança da diáspora africana implantada no Brasil, corroborando com valores como pertencimento, respeito e coletividade, em sintonia com a filosofia Ubuntu. Além disso, evidenciaram a relevância das vivências comunitárias e da educação não formal e popular, contribuindo para o fortalecimento da cultura popular na comunidade, para a construção da identidade, para a valorização do brincar e do interagir, bem como para o desenvolvimento de noções de sustentabilidade e preservação do meio ambiente, por meio de práticas pedagógicas transformadoras e emancipatórias. A Figura 2 apresenta os integrantes do projeto reunidos após uma vivência pedagógica, evidenciando o senso de coletividade e a afinidade nas relações entre as crianças e os educadores.

Figura 2 — Integrantes do projeto de capoeira reunidos após vivência pedagógica.



Fonte: Acervo da autora (2024)

5.1. ESPELHO DE OXUM

A vivência intitulada “Espelho de Oxum” foi desenvolvida com o objetivo de trabalhar a construção da identidade, o enfrentamento ao racismo, a intolerância religiosa e a valorização da estética negra. A atividade contou com a participação dos extensionistas do projeto Lições de Capoeira e foi estruturada em dois momentos principais.

Iniciamos com a tradicional roda de capoeira, envolvendo musicalidade e corporeidade, elementos centrais da cultura afro-brasileira. Em seguida, foi apresentado às crianças um espelho, que circulou de mão em mão. Cada participante, ao se observar, foi convidado(a) a dizer uma característica de si que lhe agradava e explicar o motivo. As respostas foram diversas: olhos, cabelos, sorriso, pernas. O momento revelou afetividade, mas também silêncios e hesitações.

Posteriormente, foram distribuídos materiais como cartolinas, lápis de cor, tintas e pincéis para que as crianças realizassem autorretratos. Durante a atividade, foi possível perceber que algumas crianças, embora socialmente identificadas como negras, não utilizaram tonalidades de pele condizentes com suas características fenotípicas. Outras afirmaram não se reconhecer como negras, mesmo apresentando traços e tons de pele que socialmente as inserem nessa categoria.

A atividade revelou a necessidade de intensificar propostas pedagógicas que promovam a valorização da estética negra, a autoestima e o reconhecimento positivo das identidades afro-brasileiras.

5.2 CAÇA AOS VALORES

A vivência da atividade "Caça aos Valores", realizada com as crianças da comunidade da Penha, foi pensada em celebração ao Dia das Crianças. A atividade resultou em uma manhã rica em aprendizagem, diversão, trabalho em equipe e valorização dos valores afro-brasileiros.

A proposta da atividade foi inspirada no conceito de "caça ao tesouro", com pistas que exploraram oito valores afro-brasileiros presentes na capoeira elencados por Azoilda Trindade (2010), sendo eles: Oralidade, Ancestralidade, Musicalidade, Ludicidade, Axé, Circularidade, Corporeidade e Cooperatividade. Além de promover as crianças um entendimento significativo sobre estes valores, a vivência propiciou por meio das dicas o contato com a leitura em voz alta que ocorreu de maneira espontânea.

As dicas foram discretamente espalhadas pelos espaços públicos da comunidade, de forma que as crianças não percebessem onde estavam, assim como também o “tesouro”.

Iniciamos a atividade na Associação de Moradores, após o treino de capoeira. Nesse primeiro momento, fizemos uma explanação sobre o tema e sua relevância, apresentando exemplos de como esses valores se manifestam cotidianamente em nossa sociedade e, especialmente, na roda de capoeira.

Cada valor afro-brasileiro foi associado a um ponto da Penha, que serviu de esconderijo para as pistas, sempre evidenciando a importância, função do local e sua relação com a comunidade. Os pontos escolhidos foram: mata, escola, igreja, associação comunitária, Unidade de Saúde da Família (USF), praça, campo de futebol e cemitério.

A última dica foi propositalmente direcionada às crianças para o local onde a atividade teve início, reforçando a ideia de circularidade e ancestralidade. Nesse local estava o "tesouro escondido": um baú confeccionado especificamente para a atividade, recheado de doces e guloseimas, que, quando encontrado, causou grande alegria e entusiasmo nas crianças.

Antes de abrir o baú, foi realizada uma contação de história sobre a lenda do Ubuntu, enaltecendo a importância do respeito, coletividade, união e partilha. A lenda contada para as crianças retrata a filosofia de forma lúdica, pois narra a história de um grupo de crianças de uma determinada tribo que estavam participando de uma pesquisa por um antropólogo, onde quem chegasse primeiro ao comando em uma cesta de doces a receberia como um prêmio, porém ao dar a largada as crianças deram as mãos e chegaram na cesta juntos e exclamaram “Ubuntu!”. Para estas crianças não faria sentido apenas um ficar com a cesta, tendo em vista que poderia ser compartilhada com todos.

Por fim, as crianças dividiram os doces, e encerramos a atividade com uma roda de conversa, onde as crianças compartilharam suas opiniões e experiências sobre a atividade. Como resultado desta experiência, destaco não apenas o aprendizado adquirido, mas também o intercâmbio entre saberes populares e acadêmicos que se fez presente em toda a ação. As crianças vivenciaram, de forma lúdica, valores afro-brasileiros que fortaleceram o sentimento de coletividade, respeito e pertencimento comunitário. Além disso, a atividade evidenciou a capoeira como prática educativa, libertadora e emancipatória.

Cabe ressaltar que, mesmo tendo como inspiração uma brincadeira popular, o “Caça aos Valores” ultrapassou o caráter recreativo e alcançou seus objetivos, configurando-se como um espaço de construção de conhecimento e de fortalecimento da memória coletiva.

5.3 ESPECIAL IBEJIS

Esta vivência aconteceu na data 28 de setembro de 2024 na Associação dos Moradores da Penha, uma atividade repleta de significados, valorização cultural, promoção ao respeito e combate ao racismo e intolerância religiosa. A atividade envolveu contação de história, brincadeiras, Musicalidade, arte, capoeira, história e cultura afro-brasileira de maneira lúdica envolvendo não só as crianças como também os familiares de alguns que se fizeram presentes.

Iniciamos como de costume com a roda de capoeira e em seguida a contação de história da lenda africana que faz referência aos Ibejis, considerado na matriz africana o orixá das crianças e sincretizados como os santos católicos Cosme e Damião. Durante a contação utilizamos a musicalidade e os instrumentos para tornar a experiência lúdica e envolvente.

Após a contação realizamos uma roda de conversa na qual as crianças interagiram e relataram algumas experiências e imposições negativas referente a simbologia da entrega dos doces neste contexto, entre as falas das crianças ouvimos, “minha avó falou que isso é coisa de macumba”, “não é certo receber os doces pois podem estar envenenados” entre outras.

Todos os questionamentos das crianças foram esclarecidos e elas tranquilamente entenderam a mensagem da história, o significado e o objetivo da atividade. Para finalizar distribuimos doces e realizamos um lanche coletivo enfatizando a importância do pertencimento e valorização da nossa cultura.

5.4 VISITA AO PRESIDIO SILVIO PORTO

Estatisticamente os encarcerados, privados de liberdade em sua maioria são pessoas pretas e pardas. Sendo assim em celebração ao Dia da Consciência Negra, recebemos o convite do projeto social Move Mente para realizar uma ação no presídio Silvio Porto. Foi uma tarde de aprendizagem, significados, resistência, esperança e espiritualidade por meio da capoeira, da musicalidade e Corporeidade.

Alguns dos participantes já tinham familiaridade com a capoeira e outros não, mesmo assim todos se envolveram nesta vivência tornando a experiência marcante e transformadora. Nesta ação, além da capoeira, teve uma introdução sobre a história da capoeira e o povo negro no Brasil, também sobre a consciência negra.

Apesar deste trabalho não ter relação direta com o planejamento do projeto de extensão ou com as crianças da penha, considero esta, uma das experiências mais impactantes vivenciadas por mim propiciada por intermédio deste. Além de poder contribuir com a ação, tivemos um momento de ouvir alguns depoimentos e histórias de vida dos encarcerados como muitos deles enxergaram a nossa visita e a capoeira como instrumento de superação,

socialização e esperança em um futuro melhor, possibilitando uma troca de experiências benéfica a ambas as partes.

5.5 CONFECÇÃO DE PETECAS

Confeccionamos petecas com materiais simples e recicláveis como papel e sacola. Como uma introdução a esta atividade realizamos a contação de história de uma lenda indígena que faz referência a origem da peteca, além disso reforçamos a origem tupi da palavra peteca que quer dizer “bater com a palma da mão”. Aproveitamos o momento para ressaltar outras palavras também de origem tupi que utilizamos com frequência em nosso cotidiano a exemplo, abacaxi, caju, pipoca e outras. Após este momento construímos a peteca com os materiais e com a ajuda de uns aos outros. Ao finalizarmos tivemos o momento de brincar com as petecas construídas, o que nos rendeu um momento descontraído, afetivo e de boas risadas promovendo a preservação da tradição indígena e o fortalecimento da diversidade cultural.

5.6 AÇÃO DE LIMPEZA

Na data 29 de março foi realizada uma ação educativa de conscientização ambiental, a vivência aconteceu após a aula de capoeira em uma manhã de sábado. Nesta ação promovemos a leitura do livro "Nana e Nilo na Cidade Verde", do autor Renato Nogueira. Em seguida, todos/as juntos/as, recolhemos o lixo que encontrávamos pela comunidade, no caminho da Associação até a praia.

As crianças se envolveram com bastante entusiasmo, dividimos a turma em duas equipes que competiam para saber quem recolhia mais lixo, tornando a ação divertida, prazerosa e educativa.

5.7 SAWABONA / SHIKOBA

Durante nossos encontros, surgiram alguns questionamentos sobre expressões e palavras que estão inseridas em nossa cultura, porém suas raízes são afro-indígenas, a exemplo termos como moreno, macumba que se trata de um instrumento, axé que é uma energia vital, vadear, um termo muito conhecido na capoeira que significa brincar ou jogar descontraidamente, entre outras.

Sempre que surgiram essas indagações, os instrutores, outros participantes e até mesmos as crianças se colocavam a disposição para prestar explicações sobre esses termos de uma forma que não causasse mais estranhamento ou fosse utilizado de forma pejorativa ou inconveniente pelas crianças.

Nesta perspectiva apresentamos uma saudação africana utilizada pelos povos das tribos bantus que diz “Sawabona” que significa “eu te vejo, te respeito, te valorizo. Você é importante para mim” em resposta se diz Shikoba que quer dizer “então eu sou bom e existo para você”.

Realizamos a contação de histórias que fala sobre a utilização desta saudação por estes povos, na qual transmite a ideia de que todos nós, independentemente de nossos erros, somos especiais e merecemos amor e respeito.

Logo após circulamos de mão em mão plaquinhas com a representação da saudação escrita, a qual serviu de suporte para um momento de exaltar as qualidades do outro e desejar coisas boas.

5.8 OFICINA DE BRINCADEIRAS AFRICANAS

Preparamos uma oficina com brincadeiras africanas que envolveu musicalidade, contação de história, boas risadas, brincadeiras, diversão e aprendizagem. Iniciamos contando a lenda do berimbau enfatizando o instrumento como um símbolo de resistência afro-brasileira. Ao som do berimbau cantamos todos juntos a música oficial do projeto, que em sua letra carrega bastante significado e pertencimento e fala sobre a capoeira na comunidade da penha, a canção cuja composição foi escrita pela professora Aurora.

Nesta oficina brincamos de Terra Mar, Pega bastão, Amarelinha africana, Saltando feijões e Capitão do mato. Todas de origem africana que foram adaptadas com materiais acessíveis as nossas possibilidades.

Curiosamente sempre que falava o nome da brincadeira e explicava as regras, sempre alguma criança ou outra já conhecia ou pelo menos conhecia alguma parecida, porém com outro nome, por exemplo a brincadeira Saltando feijões entre as crianças era conhecida como “reloginho”, a Terra Mar, como “Morto-vivo”. Sendo esta observação um ponto importante para as crianças entenderem sobre ancestralidade, a origem da nossa cultura e como ela se manifesta em nosso cotidiano. Principalmente em uma ação que faz sentido para elas e que faz parte do dia a dia delas mesmas que é o ato de brincar. Finalizamos com uma roda de conversa e um lanche.

5.9 VIRADA CULTURAL DA PENHA: II NOS RITMOS DA MÃE ÁFRICA

Organizamos um grande evento que mobilizou a comunidade e promoveu uma série de atividades voltadas à valorização da cultura e à educação antirracista. Trata-se da segunda edição do *Nos Ritmos da Mãe África*, que foi um sucesso e reuniu não apenas moradores da comunidade, mas também pessoas de toda a cidade e até de outros estados.

As atividades aconteceram ao longo de um mês, constituindo um processo contínuo de construção de conhecimentos e de resgate da cultura popular. Iniciamos com ações na escola da comunidade, onde realizamos oficinas educativas para crianças e adolescentes nos turnos da manhã e da tarde.

Dentre as atividades, destacamos a confecção de bonecas abayomi, que consiste na transformação de retalhos de tecido em bonecas negras, utilizando apenas técnicas de rasgar e dar nós, sem o uso de costura. Essa prática remete ao gesto de carinho realizado por mulheres negras durante o período da escravidão, que confeccionavam essas bonecas nos navios negreiros para consolar as crianças. O termo *abayomi* significa “aquela que traz felicidade” e, quando confeccionadas com o mesmo tecido, poderiam simbolizar a possibilidade de reencontro entre familiares. A oficina foi acompanhada de contação de histórias, promovendo o encantamento e fortalecendo o caráter educativo da atividade, marcada por um profundo significado histórico e cultural. Conforme a figura 3, que ilustra o momento final da atividade, observa-se as crianças brincando com as abayomis finalizadas.

Figura 3 — Oficina de Abayomis



Fonte: Acervo da autora (2025)

Outra oficina realizada na escola foi a dança das yabás, que representa as orixás femininas da mitologia africana. Por meio de músicas e movimentos que expressam a cultura, a força e o poder dessas divindades, os estudantes participaram de forma ativa, sem demonstrar desconforto ou constrangimento. Esse envolvimento evidencia que a equipe pedagógica da escola já desenvolve práticas antirracistas no cotidiano. Dessa forma, a atividade proporcionou uma troca de experiências significativa, contribuindo para a construção de novos saberes e para o enfrentamento da intolerância e do preconceito religioso.

Além disso, foi proposta a atividade “Espelho de Oxum”, na qual um espelho circulava entre os participantes para que pudessem expressar características pessoais que apreciavam em si mesmos. Nesse momento, alguns estudantes demonstraram timidez e dificuldade em se autoidentificar, evidenciando a necessidade de práticas educativas voltadas ao fortalecimento da autoestima e da identidade. Em seguida, os alunos produziram autorretratos, representando a forma como se percebem, o que contribuiu para o desenvolvimento do autoconhecimento, da criatividade e da valorização de si. Conforme registrado na Figura 4, observa-se o momento de concentração dos estudantes durante a produção de seus autorretratos na vivência.

Figura 4 — Estudantes produzindo autorretratos na oficina pedagógica Espelho de Oxum.



Fonte: Acervo da autora (2025)

Para além do espaço escolar, foram realizadas oficinas de brincadeiras africanas com as crianças da comunidade, bem como uma trilha ecológica guiada por um biólogo integrante do grupo Capoeira Brasil e pelo instrutor Blanka, também professor de História com a participação

da comunidade, convidados e as crianças que frequentam o projeto, as quais participaram ativamente falando sobre a história e os aspectos ambientais da Penha.

Realizamos a confecção de placas educativas que foram distribuídas em espaços estratégicos da comunidade. neste dia teve roda de capoeira. A atividade promoveu um resgate histórico e ambiental da comunidade da Penha, fortalecendo o sentimento de pertencimento e incentivando práticas de cuidado e preservação do meio ambiente. Como podemos observar na figura 5 um participante do projeto confeccionando uma placa evidenciando a capoeira como instrumento de preservação e conscientização ambiental.

Figura 5 — Participante do projeto confeccionando placa educativa.



Fonte: Acervo da autora (2025)

O evento também contou com um momento cultural, incluindo apresentações musicais, feira cultural e ações de conscientização contra a especulação imobiliária. Foram realizadas rodas de capoeira, vivências de musicalização e corporeidade, dança afro, além de manifestações como ciranda, coco de roda e samba de terreiro. Durante o evento, foram oferecidos lanches, água e refeições aos participantes.

Durante esse momento, ocorreu a troca de cordas das crianças participantes do projeto, configurando-se como um importante marco de reconhecimento e valorização de seu desenvolvimento na capoeira. As crianças aguardavam ansiosamente por esse momento, conhecido como batizado. Além de receberem ou trocarem suas cordas que representam o avanço na formação do capoeirista, algumas também receberam seu nome de capoeira.

O nome de capoeira consiste em um apelido que identifica o praticante na roda, geralmente relacionado a características pessoais, histórias ou modos de jogar, sendo atribuído pelo mestre ou pelo grupo. Trata-se de um elemento de forte valor cultural e identitário, que reforça o sentimento de pertencimento e a inserção do sujeito na tradição da capoeira. Este sentimento de pertencimento e a união entre o grupo estão representados na figura 6 que registra um momento de união e afeto entre o grupo após a troca de cordas.

Figura 6 — Registro de momento de união e afeto entre o grupo após a troca de cordas.



Fonte: Acervo da autora (2025)

Para além das vivências descritas, a participação nos projetos também promoveu outros momentos formativos, como treinos na praia, caminhadas na comunidade, banhos de rio, idas ao teatro, práticas de maculelê, ciranda, coco de roda, cavalo-marinho, atuações em outras escolas dos municípios de João Pessoa e Bayeux e eventos acadêmicos e culturais promovidos pela UFPB, entre os quais se destacam a Mostra do Centro de Educação, o ENEX, o ENID, o CREPEAF e o Congresso de Educação do Campo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil é um país rico em cultura e diversidade. No entanto, o modo de ser do povo brasileiro é marcado por uma trajetória histórica de luta, resistência, exclusão e injustiça, atravessada pela valorização de uma lógica eurocêntrica que inferioriza as culturas populares e, conseqüentemente, marginaliza a população negra, que constitui a maior parcela das comunidades periféricas. Assim, valorizar a existência e promover o empoderamento desses sujeitos torna-se fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e comprometida com o bem coletivo.

Nesse sentido, a educação popular apresenta-se como uma ferramenta potente no enfrentamento das desigualdades sociais, contribuindo para a emancipação de sujeitos historicamente marginalizados, que lutam por dignidade, respeito e inclusão. A capoeira enquanto expressão da educação popular viabiliza a valorização de valores civilizatórios que surgiram e imprimem nos brasileiros características que são próprias dessas populações, vieram trazidos no contexto da diáspora africana e foram implantados no nosso país, também correspondem aos princípios da filosofia ubuntu que preza pela coletividade e relações interpessoais mais humanas e solidárias. Além disso, a capoeira estabelece uma ponte entre a transmissão de saberes populares e acadêmicos, proporcionando experiências significativas de troca e aprendizado.

Assim, minha experiência extensionista e mediada pela capoeira contribuiu para a construção de uma prática pedagógica antirracista fundamentada em valores afro-brasileiros e na filosofia Ubuntu no sentido que possibilitou o resgate cultural por meio da preservação e transmissão das manifestações culturais populares na comunidade da Penha, contribuiu para o aumento da autoestima e do sentimento de pertencimento entre os participantes, fortaleceu os laços comunitários e estimulou o desenvolvimento da autonomia crítica e libertadora.

O projeto promoveu uma formação cidadã consciente e engajada, além de colaborar para a redução significativa da intolerância religiosa e do preconceito contra as manifestações culturais afro-brasileiras. Também favoreceu a ampliação da minha formação prática e teórica, ao integrar os conhecimentos acadêmicos com as práticas comunitárias e culturais, desenvolvendo competências em planejamento, execução e avaliação de projetos comunitários.

A experiência oportunizou minha participação em atividades culturais e educativas realizadas na comunidade, na universidade, no sistema penitenciário e em espaços de educação não formal. Além dos aprendizados acadêmicos e culturais, o projeto fortaleceu laços de amizade, carinho e respeito, promovendo consciência corporal e ecológica, despertando uma

sensibilidade humanitária e uma compreensão da capoeira como prática educativa, libertadora e emancipatória.

Apesar dos desafios encontrados na comunidade e da estrutura do local onde acontecem os treinos, a presença dos educadores na comunidade tem um impacto social significativo, não só para as crianças, mas também para suas famílias que relatam mudanças positivas nas crianças em seu cotidiano. Algumas mães destacaram que ao participarem das aulas as crianças aparentam um sentimento de alegria, se exercitam e cantarolam em casa as músicas que aprendem na roda, apresentam melhora nos hábitos alimentares, escolares e nas relações familiares, principalmente com o cuidado com os irmãos.

Em minha imaturidade acadêmica antes de iniciar essa jornada, nos meus primeiros contatos com a comunidade da Penha, perguntei a mim mesma de que forma participar de um projeto de educação não formal com aulas de capoeira poderia contribuir para minha futura prática pedagógica escolar, pois, este é o meu foco enquanto estudante de pedagogia. Hoje como aluna concluinte, afirmo o quanto foi poderoso e significativo participar deste projeto para minha formação, tanto humana quanto profissional. Essa constatação se evidencia nas disciplinas de estágio supervisionado, nas atividades pedagógicas que participei durante essa trajetória e até mesmo em experiências não escolares na qual tive contato com crianças.

Durante o desenvolvimento do projeto, pude observar, planejar, e executar ações com autonomia, mas também com apoio e assistência. Além do arcabouço teórico adquirido até aqui, esta experiência me proporcionou um novo olhar sobre a criança, as infâncias, diversidade, singularidade, respeito e coletividade de uma forma amorosa e humana, de modo que constantemente me coloca em uma posição de ouvir a criança e reconhecer que ela também tem muito a me ensinar, e isso corrobora potencialmente para uma prática pedagógica bem-sucedida.

Destaco, ainda, que essa experiência foi um importante instrumento para minha permanência acadêmica, não apenas pela bolsa recebida, mas, sobretudo, pelos laços de amizade construídos, pelos abraços e sorrisos compartilhados, pelas músicas e batucadas no pandeiro, pelas brincadeiras e histórias contadas. Por cada encontro, reencontro, ausência, despedida e retorno. Por todas as vezes em que pude ser eu mesma e, principalmente, pela transformação de já não ser mais quem fui antes de viver tudo isso.

Dito isto, reafirma-se a necessidade de práticas educativas comprometidas com a transformação social, que reconheçam a cultura afro-brasileira como elemento central na construção de uma educação mais justa, plural e humanizada. Assim a capoeira revelou-se

como um instrumento potente de educação decolonial e antirracista capaz de contribuir com a emancipação dos sujeitos e de possibilitar novas formas do sujeito ser e estar no mundo.

7. REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Paula (coord.). **Saberes e fazeres: modos de interagir**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. (Coleção A Cor da Cultura, v. 3).

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **O que é educação**. 32. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. **Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação**.

Educar em Revista, Curitiba, n. 61, p. 89–106, 2016. DOI: 10.1590/0104-4060.47204.

Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47204> > . Acesso em: 11 mar. 2026

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm > . Acesso em: 11 mar. 2026.

CAMBOIM, Aurora; PASSOS, Jefferson. **Educar o povo-que-cria: relato de experiência de um projeto comunitário de capoeira na cidade de João Pessoa-PB**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9. (CONEDU), 2023, João Pessoa. Anais Campina Grande: Realize Editora, 2023. v. 2. p. 173-193. Disponível em: < https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2023/GT17/TRABALHO_EV185_MD5_ID5175_TB7555_20062023233112.pdf > . Acesso em: 23 mar. 2026.

CORREA, Marco Aurélio da conceição; DA COSTA SANTOS, Rayanne. **POR UMA INFÂNCIA QUE REINVENTA O MUNDO—CRUZOS E ENCONTROS ENTRE O ITINERÁRIO PEDAGÓGICO E OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFROBRASILEIROS**. *Cadernos de Educação Básica*, v. 5, n. 2, p. 106-125, 2020.

COSTA, Caíco Barbosa da; BISPO, Fábio Santos; PAIVA, Jacyara Silva de; ALMEIDA, João Otávio Vieira Carvalho; VITÓRIO, Laís Andrade; SIQUEIRA, Luziane de Assis Ruela. **Ocupar a universidade: experiências afirmativas e transformações políticas**. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 634-652, maio/ago. 2021. DOI:10.5752/p.1678-9563.2021v27n2p634-652. Disponível em: < <https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/28999> > . Acesso em: 29 set. 2025.

DUMANI, Juliano. **LAROYÊ SAMBA: OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFROBRASILEIROS DO SAMBA**. *Revista Em Favor de Igualdade Racial*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 131– 146, 2023. DOI: 10.29327/269579.6.2-11. Disponível em: < <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/6578> > . Acesso em: 24 ago. 2025.

EITERER, Carmen Lúcia; MEDEIROS, Zulmira; DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas; COSTA, Tânia Margarida Lima (orgs.). **Metodologia de pesquisa em educação**. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2010. 48 p. (Núcleo de integração). ISBN 978-85- 8007-000-2.

FÁVERO, Osmar. *Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Contemporânea).

FERREIRA, Lucas Henrique. **Valores civilizatórios afro-brasileiros através do ensino da capoeira na educação física escolar**. 2022. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico) – Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOMES, Nilma. “Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo” em *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, jan./jun. 2003. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012> >. Acesso em: 29 set. 2025.

GONÇALVES, Alanson. **A CAPOEIRA ENQUANTO CULTURA E PRÁXIS EDUCATIVA**. @arquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, v. 7, n. 16, p. 284–300, 2020. DOI: 10.5752/P.2318-7344.2019v7n16p284-300. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/arquivobrasileiroeducacao/article/view/23011>. Acesso em: 9 mar. 2026.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). **Dossiê Iphan/ Roda de capoeira e ofício dos mestres de capoeira**. Brasília: Iphan, 2014. 145 p. (Dossiê Iphan, v. 12). ISBN 9788573342581.

MALOMALO, Bas’ilele. **Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento**. Curitiba, PR: CRV, 2014. 152 p. DOI: 10.24824/978858042991.6.

MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: < <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010> >. Acesso em: 22 set. 2025.

NOGUERA, Renato. **Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva**. Revista da ABPN. V..3, nov. 2011 – fev. 2012, p. 147-150.

NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. **infanciação, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas**. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625–644, 2018. DOI: 10.12957/childphilo.2018.36200. Disponível em: < <https://www.epublicacoes.uerj.br/childhood/article/view/36200> >. Acesso em: 22 ago. 2025.

OLIVEIRA, Daniela Pinheiro de. *Ubuntu e Paulo Freire: percursos da afroperspectividade para uma educação descolonizadora*. 235 f. Tese (Doutorado) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 2024.

PACHECO, Flávia Lopes. **Educação e cultura popular: um caminho para a emancipação?** *Cadernos do Tempo Presente*, n. 23, p. 89-100, 2016. DOI: 10.33662/ctp.v0i23.5577.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira; PEREIRA, Eduardo Tadeu. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 40, p. 72–89, 2012. DOI: [10.20396/rho.v10i40.8639807](https://doi.org/10.20396/rho.v10i40.8639807). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639807>. Acesso em: 18 abr. 2026.

RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu**. Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

REIS, A.L.T. **Brincando de capoeira**. Cidade: Ed. Abadá, 1997

RUFINO, Luiz. **Vence-Demanda: Educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: Modos E Significações**. 2. ed. rev. e ampl. Associação de Ciências e Saberes para o Etnodesenvolvimento AYÓ, 2025.

SCHROEDER, A.; LOPES VIEIRA, J. R.; SILVA, M. C. D. P. **CORPO, CULTURA E PAULO FREIRE: A CAPOEIRA COMO POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA**. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 538–555, 2017. DOI: 10.5216/ia.v42i2.44066. Disponível em: < <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/44066> >. Acesso em: 29 set. 2025

SILVA, Renata de Lima. **A potência artística do corpo na capoeira Angola**. *ILINX - Revista do LUME*, Campinas, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/125>. Acesso em: 8 mar. 2026.

TIRIBA, Lea; PROFICE, Christiana Cabicieri. **Desemparedar infâncias: contracolônialidades para reencontrar a vida**. *O Social em Questão*, v. 26, n. 56, p. 89-112, 2023. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/journal/5522/552274743005/552274743005.pdf> > Acesso: 29 mar. 2026.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil**. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.). *Modos de*

Brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p.30-36.